

ESPAÇOS DE CIÊNCIA E ESCOLAS: PARA ALÉM DA COMPLEMENTARIEDADE

Fátima Denise Peixoto Fernandes

RESUMO:

Este trabalho apresenta um projeto de Doutorado que tem como foco a relação entre a educação formal e a educação não formal. O levantamento bibliográfico sobre conceitos atuais de educação não formal antecederá um estudo de caso para conhecer o funcionamento efetivo de alguns espaços de educação não formal e sua relação com a educação formal, buscando identificar as especificidades de cada uma delas e a importância do seu encontro.

INTRODUÇÃO

Este trabalho vem apresentar o projeto de Doutorado “Espaços de Ciência e Escolas: Para além da complementariedade”, que será desenvolvido no período de 2016 a 2020 no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. O projeto tem como foco a relação entre a educação formal e a educação não formal. No momento atual, as clássicas definições de educação formal e educação não formal necessitam de novas leituras. O trabalho terá início com um levantamento bibliográfico sobre conceitos atuais de educação não formal e suas interfaces com áreas de conhecimento como a divulgação científica, ciências, artes, entre outras. Também será construído estudo de caso para conhecer o funcionamento efetivo de alguns espaços de educação não formal e sua relação com o público oriundo da escola – local da educação formal. A necessidade de fazer um recorte nos levou aos espaços de ciência. Dessa forma, será possível caracterizar redes que se estabelecem entre educação não formal e educação formal, buscando identificar as especificidades de cada uma delas e a importância do seu encontro. Esse acompanhamento está previsto para acontecer em espaços de ciência no Rio de Janeiro e em Lisboa. Serão observados os parâmetros que orientam essa relação, as atividades específicas para esse público, a preocupação com educandos e educadores, métodos de avaliação utilizados e a importância desses encontros.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394 de 1996, a educação abrange “processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (Art. 1º). É uma tarefa contínua, que envolve não somente a escola, mas um conjunto de instituições representativo

de toda a sociedade. Brandão sintetiza as possibilidades educativas em uma expressão ousada: “Educações” (2013, p. 8). Tradicionalmente, são apresentadas três formas diferenciadas de educação: educação informal, educação formal e educação não formal. Para Gohn (2010, p.16) a educação informal é “aquela na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização gerada nas relações e relacionamentos intra e extrafamiliares”; a educação formal é “desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados”; a educação não formal pode ser “construída por escolhas e certas condicionalidades”. Para efeito desse trabalho, são importantes os conceitos de educação formal e, particularmente, o conceito de educação não formal. A educação não formal está associada, tradicionalmente, a espaços não certificadores de educação como museus, centros e espaços culturais, clubes, cursos livres, organizações não governamentais e outras formas de associações fora do espaço escolar. Trilla reconhece uma “vastíssima variedade de propostas educacionais” (2008, p.44). Gohn (2010; p. 22) apresenta como um dos maiores desafios da educação não formal “defini-la, caracterizando-a pelo que ela é. Usualmente ela é definida pela negatividade – pelo que ela não é”.

Esse trabalho, inicialmente, faz uso desses conceitos, embora acredite que o conhecimento não cabe em caixas rotuladas, e que é necessário refletir e lançar novos olhares sobre esse tema. A proposta de observar espaços de educação não formal e sua relação com a escola – local da educação formal, por certo representará a possibilidade de encontrar com várias formas de conhecimento. Acredito que o maior desafio desse projeto, e de todos os trabalhos que trazem alguma forma de comparação, é não estabelecer hierarquias.

Boaventura de Souza Santos afirma que “não há ignorância em geral nem saber em geral” (2002, p. 250). O autor reconhece a importância da multiplicidade de saberes, sem conhecimentos únicos e inquestionáveis nas ciências, nas artes e em nenhuma área da vida humana. Mas não há uma valorização equitativa dos conhecimentos, o que gera privilégios epistemológicos, é necessário reconhecer que relações de poder e hierarquia também se estabelecem entre os saberes.

JUSTIFICATIVA

Em meio ao que Brandão (2005) chama de “crise dos paradigmas em educação”, torna-se necessário refletir sobre as muitas atividades e funções da educação, para além da escolarização.

Evidentemente, a educação não escolar sempre existiu. Contudo, é certo que, sobretudo a partir do século XIX – quando a escolarização começou a se generalizar –, o discurso pedagógico se concentrou cada vez mais na escola. Essa instituição foi alçada a paradigma de ação educativa a tal ponto que o objeto da reflexão pedagógica (tanto teórica quanto metodológica e instrumental) se foi limitando mais e mais a ela, até produzir uma espécie de identificação entre “educação” e “escolarização”. (TRILLA, 2008, p. 17)

São inúmeras as possibilidades de espaços de educação não formal: museus, zoológicos, parques, jardins botânicos, centros culturais, cursos livres, movimentos sociais, bibliotecas, entre outros. A necessidade de fazer um recorte levou aos espaços de ciência, que além de serem instituições tradicionais nessa área, vêm crescendo de forma expressiva. A Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência – ABCMC lançou em 2015, a terceira edição do Guia de Centros e Museus de Ciência do Brasil. Segundo a associação, de 2009 a 2015, foram incluídas 78 novas instituições no guia, o que corresponde a um crescimento de mais de 40%. Para Marandino (2009, p.1), “torna-se cada vez mais importante uma reflexão acerca das concepções de ciência e de educação” que esses espaços podem apresentar.

Ganem (2008, p. 85) traz uma pergunta importante: “As relações existentes entre escola e educação não formal são necessárias?”. Não há uma resposta única a essa pergunta. O que Marandino (2009) chama de “relações necessárias” podem se estabelecer de formas muito variadas. Trilla (2008) apresenta, entre outras, a relação de complementariedade – onde existe “uma espécie de partilha de funções, de objetivos, de conteúdos entre os diversos agentes educativos”. Acredito que as relações entre a educação formal e a educação não formal precisam ir além da complementariedade. A simplicidade da expressão “visita escolar” pode abarcar momentos de crescimentos para educadores formais e não formais e, principalmente, para os alunos. Os documentos oficiais da Educação Básica ressaltam a importância dessas experiências para as crianças desde a educação infantil.

Elas necessitam também ter acesso a espaços culturais diversificados: inserção em práticas culturais da comunidade, participação em apresentações musicais, teatrais, fotográficas e plásticas, visitas a bibliotecas, brinquedotecas, museus, monumentos, equipamentos públicos, parques, jardins. (MEC, SEB, DICEI, 2013, p. 94)

OBJETIVOS

O projeto pretende estudar os conceitos de educação não formal, na atualidade e suas interfaces com outras áreas de conhecimento como a divulgação científica, as ciências ambientais, artes, entre outras; desenvolver estudo de caso em espaços de educação não

formal, ligados a ciência, que recebam regularmente visitas escolares. Dessa forma, buscará caracterizar redes que se estabelecem entre educação não formal e educação formal nos espaços de ciência, buscando o reconhecimento das especificidades e relevância de cada uma delas e do seu encontro. Esse projeto pretende manter o foco na educação e nos seus sujeitos. Esses encontros podem fazer diferença para as instituições e, principalmente para educadores e educandos.

REFERÊNCIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

No que se refere à Educação formal e Educação não formal, as clássicas definições parecem necessitar de novas leituras. Algumas barreiras parecem rompidas e a educação não formal vem ocupando espaço até mesmo dentro das unidades escolares. Esse trabalho, entretanto, tem como proposta trabalhar em ambientes não escolares. Após estudo dos conceitos recentes em educação em espaços não escolares, será construído o estudo de caso em dois espaços não formais de educação ligados a ciência. Em princípio, esses espaços são: a Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e o Pavilhão do Conhecimento Ciência Viva, em Lisboa – Portugal.

A Casa da Ciência/UFRJ tem 21 anos de existência. Foi criada com objetivo de popularizar a ciência usando várias linguagens: exposições, oficinas, palestras, cursos, audiovisual, teatro entre outros. Seus projetos combinam ciência com poesia, arte, carnaval e outros temas que permitem aproximação com públicos diferenciados. Como servidora da UFRJ, já participei de reuniões na Casa da Ciência e conheci parte da sua equipe. São bastante receptivos a pesquisas em seu espaço.

O Pavilhão do Conhecimento Ciência Viva, em Lisboa, faz parte da Ciência Viva – Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica. Atua na divulgação científica junto ao público escolar e a população, incluindo os turistas. Tem programação bastante ampla e uma singularidade: pode receber escolas para ficarem residentes por uma semana em suas instalações. Considero importante realizar uma observação em Portugal, onde a formação de professores e a formação de educadores para atuar fora do espaço escolar parece bem mais delimitada do que no Brasil.

Para além do acompanhamento de visitas escolares aos espaços de ciência, também serão consultados os documentos institucionais como estatutos, projetos, formulários e os meios usados para quantificação e avaliação do trabalho da instituição. Também serão realizadas entrevistas pessoais com funcionários e educadores da instituição. As entrevistas deverão ser transcritas, transformadas em texto impresso. Sobre as respostas deverão ser

realizadas as fases que Bardin considera indispensáveis a análise de conteúdo: “a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” (1977, p. 95). Deverá ser realizada análise do conteúdo de documentos, formulários e transcrição de entrevistas.

LONGE DE UMA CONCLUSÃO

A legitimidade da contribuição das ciências da educação para a compreensão do ensino não poderá ser garantida enquanto os pesquisadores construírem discursos longe dos atores e dos fenômenos de campo que eles afirmam representar ou compreender. (TARDIF, 2000, p.12)

O projeto está vinculado com a linha de pesquisa “Políticas e Práticas em Educação” e teve como principal motivação minha trajetória profissional. Por mais de uma década atuei em cursos livres e empresas de treinamento na área de informática. Essa experiência me levou ao curso de Pedagogia. Depois de formada fui aprovada em concurso público e passei a trabalhar em escolas públicas de ensino fundamental no Município de Duque de Caxias. Desde 2010, concilio o trabalho na escola com a função de Técnica em Assuntos Educacionais na UFRJ, promovendo encontros entre o público, notadamente o público escolar, e a Universidade. No momento, atuo no Horto Botânico do Museu Nacional/UFRJ coordenando um projeto de extensão que promove visitas de escolas, preferencialmente públicas a área verde do Horto e realiza atividades ligadas ao meio ambiente. Na UFRJ também participo de atividades ligadas a divulgação e popularização da ciência como a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia e as comemorações de aniversário do Museu Nacional/UFRJ.

Transitar pela escola – espaço de educação formal e pelos espaços não formais de educação, portanto, é minha atividade profissional. Educadora em tempo integral, promovo visitas escolares da mesma forma como acompanho turmas em visitas a outros espaços. A articulação com “Políticas e Práticas em Educação”, é bastante adequada pois essa linha investiga práticas educativas em contextos de educação básica e de educação não formal.

As práticas de educação não formal podem ser de grande importância para o currículo da escola, que para Moreira (2005, p.12), significa “o conjunto de experiências a serem vividas pelo estudante sob a orientação da escola”. Entretanto, é fundamental reconhecer que nem toda ação educativa deve ter orientação da escola ou formato escolarizado. É necessário investigar outros formatos, novas possibilidades e novas conquistas nos encontros entre educação não formal e educação formal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CENTROS E MUSEUS DE CIÊNCIA; UFRJ FCC CASA DA CIÊNCIA; FIOCRUZ MUSEU DA VIDA. **Centros e Museus de ciência do Brasil 2015**. Rio de Janeiro, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa : Edições 70, 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 1. ed. São Paulo : Brasiliense, 2013.

BRANDÃO, Zaia (org). **A crise dos paradigmas em educação**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Questões da Nossa Época)

BRASIL. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional**. Brasília. 1996.

BRASIL, MEC, SEB. DICEI. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI. 2013. 562 p.

GHANEM, Elie. Educação formal e não-formal: do sistema escolar ao sistema educacional. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Educação formal e não formal**. São Paulo : Summus Editorial, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo : Cortez, 2010. (Coleção Questões da nossa época; v. 1)

MARANDINO, Martha. Museus de Ciências, Coleções e Educação: relações necessárias. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p. 1-12, jul/dez. 2009. Disponível em <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br>>. Acesso em: 15/9/2015.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo, utopia e pós-modernidade. In: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa (org.). **Currículo: Questões atuais**. 11. Campinas, SP: Papirus, 2005. p. 9-28.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63, 2002. Disponível em: <<http://rccs.revues.org/1285>>. Acesso em 20/08/2016.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 13, jan/mar, p. 5-24, 2000.

TRILLA, Jaume. A educação não formal. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Educação formal e não formal**. São Paulo : Summus Editorial, 2008